

Ajustamento Conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto

Marital Adjustment: the role of the characteristics of individuals, couple and context

Juliana Szpoganicz Rosado¹

Paola Vargas Barbosa¹

Adriana Wagner¹

Resumo

A qualidade dos relacionamentos conjugais é circunscrita por diversos fatores. Este trabalho investigou como a idade, o nível de escolaridade, a orientação sexual, o status conjugal, o tempo de duração da relação, a presença ou não de filhos, a percepção da conjugalidade dos pais, o salário, a satisfação com o trabalho e a satisfação com a condição econômica se associavam ao ajustamento conjugal de 1350 participantes, de ambos os sexos, de diferentes regiões do país. Análises de variância (ANOVA) revelaram que a qualidade conjugal se associa a aspectos individuais, da dinâmica conjugal e vida laboral dos participantes. Indivíduos jovens, homossexuais, sem filhos, com percepção positiva da conjugalidade dos pais e que estavam satisfeitos com a condição financeira e de trabalho indicaram maiores níveis de ajustamento conjugal.

Palavras-chave: Qualidade conjugal; Ajustamento Conjugal; Família; Trabalho;

Abstract

The quality of marital relationships is circumscribed by several factors. This study investigated how age, duration of relationship, salary, presence of children, perception of marital parents, sexual orientation, marital status, level of education, satisfaction with the economic status and satisfaction with the work were associated with the marital adjustment of 1350 participants, of both sexes, from different regions of the country. Analysis of variance (ANOVA) revealed that marital quality is associated with individual aspects, marital dynamic and working life. Young people, homosexuals, individuals without children, subjects with a positive perception of marital parents and people who were satisfied with financial condition and working indicated largest marital adjustment levels.

Keywords: Marital quality; Marital Adjustment; Family; Work;

¹Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Estudar a conjugalidade é, necessariamente, um exercício de reflexão sobre diversos aspectos que compõem uma relação complexa. Tal complexidade foi descrita por Anton (2000) como sendo compreendida por: dois sistemas individuais, dois sistemas familiares (e seus aspectos transgeracionais) e o contexto em que os cônjuges convivem. Nessa perspectiva, há uma multiplicidade de fatores que se interseccionam e reverberam no crescimento, desenvolvimento e amadurecimento da relação conjugal.

Atualmente, as uniões conjugais tradicionais de homem, mulher e filhos, coexistem com as famílias compostas por casais sem filhos (Silva & Frizzo, 2014; Rowe & Medeiros, 2011), casamentos informais, casais em coabitação, casais de gays e lésbicas (Lomando, Wagner, & Gonçalves, 2011), entre tantas outras uniões que tem perfilado as novas formas de se vivenciar as relações amorosas. Ainda que o panorama componha-se de inúmeras maneiras de se relacionar e estar casado, esse fenômeno não implica diretamente na permanência ou na satisfação da conjugalidade. Frente

a essa realidade faz-se relevante refletir sobre qual o nível de satisfação dos sujeitos nos diferentes arranjos conjugais. O que circunscreve a qualidade das relações hoje?

A qualidade dos relacionamentos amorosos vem sendo investigada há décadas, e é definida, tanto pela literatura nacional quanto internacional, como sendo complexa e multifacetada (Fincham & Bradbury, 1987; Locke & Williamson, 1958; Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006; Rosado & Wagner, 2015; Umberson & Williams, 2005; Wagner & Falcke, 2001). As diversas pesquisas que investigam a felicidade conjugal utilizam termos como satisfação, ajustamento e qualidade para tratarem dessa temática. Percebe-se que, muitas vezes, os termos são utilizados como sinônimos nos estudos e esse equívoco ocasiona o uso de instrumentos e explicações sobre os fenômenos sem adequá-los a uma compreensão e especificidade de cada construto envolvido (Fincham & Bradbury, 1987; Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Considerando esse

fato, o presente trabalho optou por utilizar o conceito de ajustamento conjugal, como proposto por Spanier (1976), conjuntamente com o instrumento desenvolvido por ele: o DAS (*Dyadic Adjustment Scale*). Dessa maneira, o ajustamento conjugal dos participantes será definido por quatro dimensões que dizem respeito: ao nível de concordância dos cônjuges sobre diversos temas do cotidiano familiar, a percepção sobre a discórdia e possibilidade de divórcio, o compromisso e felicidade com a relação conjugal, o compartilhamento de interesses e perspectivas, ausência ou presença de afetos e a relação sexual (Spanier, 1976).

Variáveis que se associam a qualidade das relações conjugais

A literatura científica aponta fatores que são considerados importantes na avaliação da satisfação dos sujeitos em relação amorosa. Como exemplo cita-se o tempo de relacionamento conjugal (Heckler & Mosmann, 2016; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Van Steenberg, Kluwer, & Karney, 2011), a história da família de origem (Amato & Booth, 2001; Anton, 2000; Falcke & Wagner, 2005; Scorsolini-Comin, 2012; Quissini & Colho, 2014), o nível socioeconômico dos cônjuges (Allendorf & Ghimire, 2013; Fortunato, 2009; Heller & Watson, 2005), dentre outros elementos.

Dessa maneira, compreende-se que a qualidade dos relacionamentos é permeada pela interação de diversos fatores, tanto pessoais quanto contextuais dos cônjuges, e a investigação deles faz-se fundamental para discutir e contribuir acerca da temática da felicidade em viver a dois (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000; Neto & Féres-Carneiro, 2010; Rosado & Wagner, 2015;).

Considerando essa realidade, o presente trabalho procurou investigar como a “idade”, a “orientação sexual”, o “nível de escolaridade”, o “status conjugal”, o “tempo de duração da relação”, a “presença ou não de filhos”, a “percepção da conjugalidade dos pais”, o “salário”, a “satisfação com o trabalho” e a “satisfação com a condição econômica” se associam à qualidade das relações conjugais que homens e mulheres reportam atualmente.

Método

A pesquisa teve um caráter quantitativo e a coleta de dados ocorreu por conveniência, via internet, através de um questionário online. O convite para participação foi enviado para diversos contatos, entre eles, e-mails de

professores e alunos de 33 programas de pós-graduação de diferentes universidades do Brasil. O método ‘bola de neve’ foi utilizado a fim de abranger todas as regiões do país.

O questionário permaneceu ativo por dois meses, entre abril e maio de 2013, sob o domínio do *googledocs*¹, atualmente *offline* – ou seja, não pode mais ser acessado pelo público. Os participantes foram informados, eletronicamente, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) sobre os objetivos da pesquisa, procedimentos do estudo e sobre a garantia de confidencialidade de suas informações. O TCLE foi disponibilizado como uma etapa inicial para acessar o instrumento *online*, assim, caso o participante não concordasse com o termo, não era possível responder a pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para participarem dessa investigação, os sujeitos deveriam preencher os seguintes critérios: a) Ser maior de 21 anos; b) Estar em uma relação considerada estável e c) Viver em coabitação com o parceiro, no mínimo, há seis meses.

O instrumento utilizado foi composto por uma **Ficha de Dados Sociodemográficos**, a **Escala de Ajustamento Conjugal (EAD)** e o **Questionário da Conjugalidade dos pais (QCP)**.

A **Ficha de Dados Sociodemográficos** apresentou questões que abordaram a caracterização pessoal, econômica e conjugal dos participantes. A **Escala de Ajustamento Conjugal (EAD)**, instrumento criado por Spanier (1976) e validado em estudo brasileiro por Hernandez (2008), tem a finalidade de medir o ajustamento conjugal dos sujeitos em seus relacionamentos. O instrumento compõe-se de 32 itens respondidos em uma escala likert de 5, 6 e 7 pontos, que buscam representar o nível de ajustamento conjugal através de quatro dimensões: satisfação diádica ($\alpha = 0,86$), consenso diádico ($\alpha = 0,86$), coesão diádica ($\alpha = 0,76$) e expressão de afeto ($\alpha = 0,62$). Na validação de Hernandez (2008) o $\alpha = 0,93$, neste estudo, o EAD apresentou $\alpha = 0,91$. O escore total da escala pode variar de 0 a 151. Segundo critérios do autor da escala, os indivíduos que obtiverem 101 pontos ou menos devem ser classificados como desajustados ou em sofrimento no relacionamento conjugal. Os que alcançarem 102 pontos ou mais, são classificados como ajustados. O **Questionário da Conjugalidade dos Pais (QCP)**, desenvolvido por

1 Plataforma de documentos online. Possibilita a construção de questionários respondíveis online.

Féres-Carneiro, Ziviani, e Magalhães (2007), tem a finalidade de medir a percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos seus pais. O instrumento original apresentou $\alpha = 0,95$ e possui 60 itens fechados, com variações diferentes de respostas. A escala é dividida em três subescalas, e neste trabalho, foram utilizados apenas os 26 itens referentes a dimensão ‘Meus Pais’ para a análise dos dados. Na presente amostra essa subescala teve $\alpha = 0,96$.

Com o objetivo de conhecer como as variáveis individuais, do casal e de contexto se associavam à qualidade das relações conjugais, foram realizadas análises variância (ANOVA). Foram consideradas variáveis individuais a “idade”, a “orientação sexual”, “nível de escolaridade” e a “percepção sobre a conjugalidade dos pais”. As variáveis de casal foram “status conjugal”, “tempo duração da relação” e “presença ou não de filhos”. Finalmente, as variáveis contextuais referiram-se a “salário”, “satisfação com o trabalho” e “satisfação com a condição econômica”.

Resultados

Caracterização da amostra

Os sujeitos desta pesquisa foram os participantes que preencheram os critérios de inclusão e que responderam o questionário de maneira completa. Foram participantes do estudo 1.350 sujeitos, sendo 63,9% mulheres (n=863) e 36,1% homens (n=487). Os participantes da amostra foram distribuídos geograficamente conforme Figura 1.

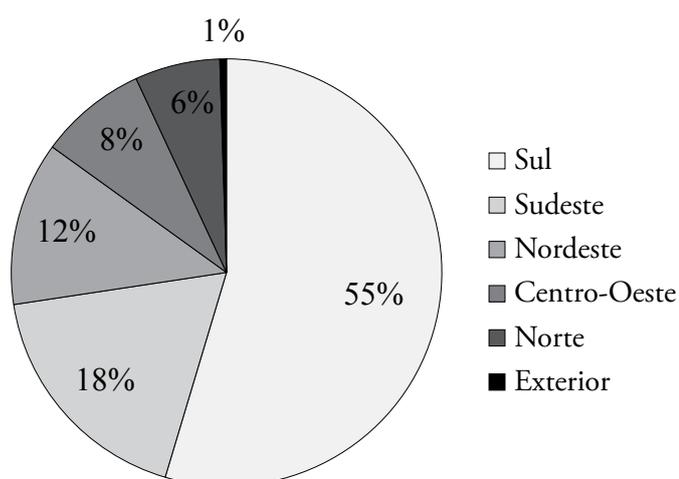


Figura 1

Distribuição Geográfica da Amostra.

Para melhor compreensão dos dados, optou-se por elaborar duas tabelas com as características descritivas da amostra. Na Tabela 1, observa-se, de forma geral,

que a população da amostra teve uma média de 40,05 anos ($d.p=10,57$). No que tange à orientação sexual, 94,4% dos indivíduos consideravam-se heterossexuais, 4,2% homossexuais e 1,5% bissexuais. Ademais, 69,1% da amostra reportou estar casada legalmente e 59,8% tinham filhos. O tempo médio de relacionamento conjugal foi de 14,85 anos ($d.p = 10,39$) e o tempo médio de coabitação com o cônjuge foi de 12,4 anos ($d.p = 10,44$). Em relação à percepção da conjugalidade dos pais, 48,7% dos participantes informou ter uma avaliação positiva do casamento dos seus progenitores.

Conforme os dados apresentados na Tabela 2 observa-se que os indivíduos da amostra se caracterizaram por serem maioritariamente pós-graduados (85%), seguido por aqueles com ensino superior completo (9,3%), ensino superior incompleto (4,5%) e ensino médio completo (1,3%). Em relação à situação financeira, 45,5% dos participantes ganhavam acima de 10 salários mínimos. No geral, 64,8% da amostra indicou estar satisfeita com sua condição econômica e 70% reportaram estar bastante e totalmente satisfeitos com o seu trabalho.

No que se refere à avaliação da qualidade conjugal os sujeitos apresentaram uma média de 114,34 ($d.p = 16,96$) de qualidade conjugal, indicando bom ajustamento na relação amorosa (>102). Assim, a maioria da amostra (81%) foi considerada com um bom nível de qualidade em seus relacionamentos, enquanto os que reportaram desajustamento foram 19%. Não houve diferença significativa entre a qualidade conjugal informada por homens e mulheres ($p = 0,865$).

A fim de verificar como as características individuais, do casal e do contexto, se expressavam no ajustamento conjugal dos sujeitos foram realizadas Análises de Variância (ANOVA) com as variáveis de: “idade”, a “orientação sexual”, o “nível de escolaridade”, o “status conjugal”, o “tempo de duração da relação”, a “presença ou não de filhos”, a “percepção da conjugalidade dos pais”, o “salário”, a “satisfação com o trabalho” e a “satisfação com a condição econômica”.

Em relação à variável “idade”, a amostra compreendeu sujeitos desde os 21 até os 77 anos. Foram criados quatro grupos de diferentes idades para melhor análise da amostra, como pode ser observado na Tabela 3.

Conforme Tabela 3, todos os grupos de idade reportaram, em média, boa qualidade conjugal (>102) no seu relacionamento amoroso. Observou-se uma diferença marginalmente significativa [$F(3,1339) = 2,567, p = 0,053$] entre os grupos de idade, independente do sexo. Após teste *post hoc* Tukey, revelou-se que o grupo de 21-30 anos apresentou uma média maior

de qualidade conjugal do que todos os demais grupos ($p < 0,05$). Sendo assim, os homens e mulheres mais novos indicaram possuir maior qualidade conjugal do que o restante da amostra.

Tabela 1

Dados descritivos da amostra: Idade, orientação sexual, tempo de conjugalidade, filhos e percepção da conjugalidade dos pais.

População (n)	Total	Mulheres	Homens
	1350	863(63,9%)	487(30,3%)
Idade	M = 40,05 (10,57)	M = 38,62 (10,13)	M = 42,59(10,87)
21 a 30 anos	296 (21,97%)	227 (26,36%)	69 (14,2%)
31 a 40 anos	446 (33,11%)	297 (34,5%)	149 (30,65%)
41 a 50 anos	340 (25,25%)	197 (22,88%)	143 (29,42%)
Acima de 50 anos	265 (19,67%)	140 (16,26%)	125 (25,73%)
Orientação Sexual			
Heterossexuais	1270(94,4%)	819(95,2%)	451(92,7%)
Homossexuais	56(4,2%)	27(3,2%)	29(5,9%)
Bissexuais	20(1,4%)	14(1,6%)	6(1,4%)
Status Conjugal			
Casados legalmente	929(69,1%)	582(67,8%)	347(71,4%)
União estável	348(25,9%)	233(27,1%)	115(23,7%)
Noivo	31(2,3%)	25(2,9%)	6(1,2%)
Namorando	36(2,7%)	18(2,1%)	18(3,7%)
Solteiro	1(0,1%)	1(0,1%)	0
Tempo de Conjugalidade	M = 14,85 (10,39)	M = 14,39(10,15)	M = 15,67(10,76)
Até 5,83 anos	466(35,2%)	312(36,7%)	154(32,4%)
Entre 5,84 até 9,66	225(17%)	158(18,5%)	67(14,2%)
Entre 9,67 até 15,0	206(15,6%)	120(14,4%)	86(18,2%)
Entre 15,1 até 24,66	207(15,6%)	132(15,5%)	75(15,7%)
Entre 24,67 até 58,3	220(16,6%)	127(14,9%)	93(19,5%)
Filhos			
Sim	805(59,8%)	483(56,1%)	322(66,3%)
Não	542(40,2%)	378(43,9%)	164(33,7%)
QCP	M = 45,08 (15,78)	M = 46 (16,5)	M = 49(14,04)
Percepção Positiva	657 (48,7%)	400(46,3%)	257(52,8%)
Percepção Negativa	693(51,3%)	463(53,7%)	230(47,2%)

Em relação à “orientação sexual” dos participantes, apareceram diferenças significativas entre os grupos [$F(2,1340) = 4,416$, $p = 0,012$] em relação à média de qualidade conjugal. Independente do sexo, o grupo homossexual ($M = 120,5$ d.p = 13,12) reportou maior média de qualidade conjugal ($p = 0,016$) do que o grupo de heterossexuais ($M = 114,11$ d.p = 17,14) e também do que o grupo bissexual ($M = 108,9$ d.p = 9,86, $p = 0,023$).

Em relação a variável “**presença ou não de filhos**”, no momento da coleta de dados, 56,1% das mulheres eram mães e 66,3% dos homens eram pais. Encontrou-se diferença significativa [$F(1,1343) = 34,971$, $p < 0,001$] em relação a quem tem filhos e quem não tem, independente do sexo. Segundo Tabela 4, os sujeitos da amostra que não tinham filhos apresentaram maior qualidade conjugal ($M = 117,77$, d.p = 14,17) em comparação aos demais participantes ($M = 112,03$, d.p = 18,27).

No que tange à “percepção da relação conjugal dos progenitores”, a amostra em geral se apresentou dividida, sendo que 51,3% reportou uma percepção negativa, enquanto 48,7% apontou uma percepção positiva. Essa diferença entre as médias dos grupos de percepção negativa ($M = 111,72$, d.p = 18,09) e positiva ($M = 117,11$, d.p = 15,2) foi significativa [$F(1,1346) = 34,914$, $p < 0,001$]. Essa tendência se manteve em relação aos sexos, 53,65% das mulheres e 47,27% dos homens tiveram percepção negativa da conjugalidade dos seus pais, sem diferenças significativas entre os sexos.

No que tange à “**satisfação com o trabalho**”, 0,48% da amostra reportou estar nada ou pouco satisfeito, 24,6% razoavelmente satisfeito, 70% informou estar entre bastante e totalmente satisfeito. A Tabela 5 expressa os dados relativos as associações entre a qualidade conjugal e a satisfação com o trabalho.

Tabela 2

Dados descritivos da amostra: Escolaridade, salário pessoal, satisfação no trabalho e condição financeira.

População (n)	Total	Mulheres	Homens
	1350	863(63,9%)	487(30,3%)
Escolaridade			
Ens. Médio Completo	17(1,3%)	10(1,2%)	7(1,4%)
Ens. Superior Incompleto	60(4,5%)	43(5%)	17(3,5%)
Ens. Superior Completo	125(9,3%)	89(10,3%)	36(7,4%)
Pós-graduação	1146(85%)	721(83,5%)	425(87,6%)
Salário pessoal mensal			
Nenhum	5(0,4%)	4(0,5%)	1(0,2%)
Até 1 s.m. (R\$678)	11(0,8%)	10(1,2%)	1(0,2%)
De 1 a 3s.m (R\$679 a R\$2034)	170(12,6%)	139(16,2%)	31(6,4%)
De 3 a 5 s.m (R\$2035 a R\$3390)	236(17,6%)	190(22,1%)	46(9,5%)
De 5 a 10 s.m (R\$3391 a R\$6780)	311(23,1%)	219(25,5%)	92(18,9%)
Acima de 10 s.m (R\$6781)	611(45,5%)	296(34,5%)	315(64,8%)
Satisfação no trabalho			
Nada satisfeito	12(0,9%)	8(0,9%)	4(0,8%)
Pouco satisfeito	60(4,4%)	43(5%)	17(3,5%)
Razoavelmente satisfeito	333(24,7%)	224(26%)	109(22,4%)
Bastante satisfeito	680(50,4%)	432(50,1%)	248(50,9%)
Totalmente satisfeito	265(19,6%)	156(18,1%)	109(22,4%)
Condição Financeira			
Satisfeitos	873(64,8%)	561(65,2%)	312(64,1%)
Insatisfeitos	475(35,2%)	300(34,8%)	175(35,9%)

Tabela 3

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Idade

Sexo	Grupo de Idade	Média	Desvio-Padrão
Feminino	1. 21 a 30 anos	117,92	15,40
	2. 31 a 40 anos	112,81	17,96
	3. 41 a 50 anos	112,81	17,90
	4. Acima de 50 anos	114,15	17,98
	Total	114,37	17,42
Masculino	1. 21 a 30 anos	115,91	14,54
	2. 31 a 40 anos	115,67	15,33
	3. 41 a 50 anos	113,12	16,30
	4. Acima de 50 anos	112,81	17,63
	Total	114,22	16,14
Total	1. 21 a 30 anos	117,45	15,20
	2. 31 a 40 anos	113,77	17,16
	3. 41 a 50 anos	112,94	17,22
	4. Acima de 50 anos	113,52	17,80
	Total	114,32	16,96

Tabela 4

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Presença ou Não de Filhos

	Qualidade Conjugal		
	Média	Desvio-Padrão	
Filhos	Sim	112,03	18,27
	Não	117,77	14,17
	Total	114,34	16,97

Tabela 5

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Satisfação com o trabalho

	Qualidade Conjugal		
	Média	Desvio-Padrão	
Satisfação com o trabalho	Nada	91,58	22,44
	Pouco	106,35	19,25
	Razoavelmente	112,64	17,66
	Bastante	114,83	16,06
	Totalmente	118,06	15,92
	Total	114,34	16,96

Tabela 6

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Satisfação com a condição econômica

		Qualidade Conjugal	
		Média	Desvio-Padrão
Satisfação com a condição econômica	Sim	116,22	15,69
	Não	110,87	18,59
	Total	114,33	16,96

Encontrou-se diferença significativa [$F(4,1340) = 12,459, p < 0,001$] em relação a todos os níveis de satisfação com o trabalho, independente do sexo dos participantes. Após realização do teste *post hoc* Tukey observou-se que todos os grupos diferenciaram-se entre si ($p < 0,05$). Os participantes que indicaram estarem *nada satisfeitos* reportaram um prejuízo na satisfação conjugal ($M < 102$). Os outros níveis de satisfação (pouco, razoavelmente, bastante e totalmente) pontuaram uma boa qualidade na relação amorosa ($M > 102$).

Embora a maioria da amostra (64,8%) tenha se mostrado satisfeita com a “**condição econômica**” que tinha, encontrou-se diferença significativa de qualidade conjugal [$F(1,1344) = 26,978, p < 0,001$] em relação a quem está satisfeito e quem não está, independente do sexo dos participantes. Observa-se na Tabela 6, que os indivíduos que reportaram satisfação com sua condição econômica reportaram maior qualidade conjugal ($M = 116,22, d.p = 15,69$) em comparação aos participantes que consideravam-se insatisfeitos ($M = 110,87, d.p = 18,59$).

Em relação ao “tempo de relacionamento conjugal”, “status conjugal”, “nível de escolaridade” e “salário pessoal mensal” não foram observadas diferenças significativas inter e intragrupos ($p > 0,05$).

Discussão

Os resultados da amostra geral revelaram que a maioria dos sujeitos vivencia uma experiência de conjugalidade satisfatória, o que é corroborado pela literatura científica nacional e internacional da área. De fato, frente a tantas possibilidades e formas de viver a conjugalidade, porque os sujeitos permaneceriam em um relacionamento que não traz satisfação? Atualmente, as pessoas não encontram tantos impedimentos morais, legais e de aceitação social, como em décadas passadas, para separarem-se de seus parceiros e investirem em outro relacionamento. Nesse sentido, compreende-se que só está em um relacionamento conjugal quem realmente deseja e sente-se satisfeito com tal condição (Falcke, Diehl, & Wagner, 2002).

Na investigação dos elementos que foram importantes para maiores ou menores níveis de ajustamento conjugal dos participantes desta pesquisa, podemos observar que aspectos ciclo vital do casal (presença de filhos) assim como variáveis relativas à individualidade de cada sujeito (idade, orientação sexual, percepção da relação de conjugalidade dos progenitores) e de contexto (satisfação com o trabalho e condição econômica) foram elementos intervenientes na qualidade conjugal vivenciada pelos sujeitos.

Ainda que esta análise não nos permita definir um perfil associado a melhores ou piores níveis de qualidade conjugal, tendo em vista a multiplicidade de fatores que compõem o ajustamento conjugal, explorar a contribuição de tais variáveis ajuda a entender quais os fatores importantes a serem considerados no estudo deste fenômeno.

A partir dos resultados encontrados, é possível apontar três conjuntos de dados que auxiliam na compreensão da qualidade dos relacionamentos atuais: a família de origem, o momento do ciclo vital dos indivíduos e do casal e aspectos do contexto de cada sujeito envolvido.

Conforme a literatura aponta, a família de origem transmite, ao longo do ciclo vital, padrões de comportamentos, valores e modelos aos seus membros. No que se refere a construção da conjugalidade, sabe-se que a família de origem exerce influencia na escolha e na maneira de viver a conjugalidade ao longo das gerações. Dessa maneira, espera-se que os sujeitos reproduzam o modelo conjugal que perceberam na relação dos seus progenitores. Os participantes que reportam uma percepção negativa do relacionamento dos pais descrevem uma menor qualidade conjugal em seus relacionamentos atuais quando comparados com os participantes que descrevem uma percepção positiva do relacionamento parental. Entretanto, é importante atentar que estes, apesar de reportarem níveis significativamente mais baixos de qualidade conjugal, ainda não reportam valores considerados pelo instrumento como de desajustamento. Esse dado faz refletir sobre o papel de ressignificação das vivências familiares e a possibilidade dos sujeitos de reescreverem a sua histórica conjugal a partir de suas experiências atuais e novos modelos de conjugalidade.

Nesse sentido, o momento do ciclo vital vivenciado pelos participantes parece ser relevante para a sua percepção da qualidade da relação. Participantes mais jovens (entre 20 e 30 anos) e sem filhos reportaram os maiores níveis de satisfação conjugal, enquanto os participantes entre 30 e 50 anos reportam níveis mais

baixos, mesmo que ainda satisfatórios. É interessante pensar que, diferente da afirmação do senso comum que a felicidade dos casamentos tende a desaparecer com o passar da vida, na amostra dessa pesquisa o tempo de conjugalidade e o status conjugal não foram significativamente relevantes para a percepção de sua qualidade conjugal. Assim, pode-se concluir que a satisfação está atrelada ao menor número de exigências do ciclo vital vivenciadas por jovens casais, já que casais com um pouco mais de idade, e especialmente com as responsabilidades da parentalidade somadas as da conjugalidade, reportam menos satisfação na relação amorosa. Nessa perspectiva, os indivíduos que não tem filhos, possuem mais tempo para dedicar-se e investir em planos, metas próprias e na relação com o parceiro. Com mais tempo para a dimensão conjugal, há maior investimento e, por consequência, a qualidade conjugal tende a ser maior.

Finalmente, algumas características de contexto como a satisfação com o trabalho e com a condição econômica parecem também interferir na percepção dos participantes sobre sua qualidade conjugal. Num momento histórico onde a realização profissional assume papel importante na afirmação da individualidade, especialmente nesta amostra com alto nível de escolaridade, percebe-se que a satisfação dos indivíduos com suas conquistas e realizações profissionais e individuais tem influência em seus relacionamentos. É importante apontar que numa amostra com condição financeira elevada (equivalente ao nível socioeconômico médio da população brasileira), o salário não se mostra significativo para a qualidade conjugal. Pesquisas sobre a temática de carreira parecem corroborar esse fato (Aknin, Norton, & Dunn, 2014; Oliveira, 2014). Quando a condição financeira deixa de ser uma preocupação de sobrevivência, aspectos individuais de satisfação com o trabalho (como autonomia, percepção de metas, reconhecimento) passam a ter maior relevância para a permanência dos indivíduos no trabalho. Isso nos leva a concluir que a percepção subjetiva dos participantes sobre seu trabalho – e podemos supor, sua percepção subjetiva sobre sua vida e suas conquistas – seja mais relevante para o construto da percepção da qualidade conjugal do que o salário em si.

O fato de indivíduos homossexuais reportarem índices mais elevados de qualidade conjugal que da amostra heterossexual, corrobora a complexidade deste construto, tendo em vista a influência de aspectos sociais e subjetivos que perpassam as relações homoafetivas. Ainda é comum que sujeitos com tal orientação enfrentem discriminação social, sendo este um dos fatores constituintes de uma relação amorosa mais coesa e de

apoio mútuo entre os membros do casal. Nestes casos, esta característica tende a expressar-se por uma conjugalidade de maior cumplicidade, reverberando em melhores níveis de satisfação.

Tendo em vista que, o nível de escolaridade dos sujeitos e a renda são superiores à da média da população brasileira (IBGE, 2012), os resultados não expressam a realidade da conjugalidade da população em geral. Nessa perspectiva, entende-se que são necessário outros trabalhos que investiguem as diferenças em outros contextos. O casamento é um produto de dois sistemas individuais complexos e torna-se importante o exame de outras variáveis que possam ser propulsoras ou inibidoras da qualidade conjugal, além de pesquisas que abarquem instrumentos, metodologias e tratamentos de dados de maneira variada. Abranger a complexidade inerente a relação conjugal ainda é um desafio para os pesquisadores da temática. Entretanto, é uma necessidade urgente, visto a importância que o relacionamento conjugal supõem na vida dos sujeitos em geral, sendo considerado, inclusive, um fator de proteção.

Referências

- Aknin, L. B., Norton, M. I., & Dunn, E. W. (2009). From wealth to well-being? Money matters, but less than people think. *The Journal of Positive Psychology*, 4(6), 523-527.
- Allendorf, K., & Ghimire, D. J. (2013). Determinants of marital quality in an arranged marriage society. *Social Science Research*, 42, 59-70.
- Amato, P. R., & Booth, A. (2001). The legacy of parents' marital discord: Consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(4), 627-638.
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980.
- Falcke, D., Diehl, J.A., & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. In A. Wagner (Ed.), *Família em Cena. Tramas, Dramas e Transformações* (pp. 172-188). Petrópolis: Vozes.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S.

- (2007) Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 251-267). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fincham, F. D., & Bradburry, T. N. (1987). The assesment of marital quality: A reevaluation. *Journal of Marriage and The Family*, 49, 797 – 809.
- Fortunato, R. C. (2009). *Ecos da idade, sexo e nível sócio-económico em dimensões da conjugalidade: satisfação, vinculação-afectividade e proximidade*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Espanha.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica, Rio de Janeiro*, 28, 161-182.
- Heller, D., & Watson, D. (2005). Dynamic spillover of satisfaction between work and marriage: The role of time and mood. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1272-1279.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 13(3), 593-601.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Estatísticas do registro civil 2012*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em 12 de novembro de 2013, em www.ibge.gov.org.
- Locke H. J., & Willianson, R. C. (1958). Marital adjustment: A factor analysis study. *American Sociological Review*, 23, 562-569.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Neto, O. D., & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2), 245-254.
- Norgren, M. B. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia, Natal*, 9(3), 585-584.
- Oliveira, M. Z. (2014). *Dilemas reflexivos em transições avançadas de desenvolvimento profissional*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34-47.
- Rosado, J. S., & Wagner, A. (2015). Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. *Pensando Famílias*, 19(2), 21-33.
- Rowe. J. F., & Medeiros, L. G (2011) *Casamento contemporâneo: A escolha dos casais em não ter filhos*. Trabalho de conclusão do curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475.
- Scorsolini-Comi, F. (2012). *Família sujeito composto: Conjugalidade dos pais e sua relação com o bem-estar subjetivo e a satisfação nos relacionamentos amorosos dos filhos*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, SP.
- Silva, I. M., & Frizzo, G. B. (2014). Ter ou não ter?: Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando Famílias*, 18(2), 48-61.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Umberson, D., & Williams, K. (2005) Marital quality, health, and aging: Gender equity? *Journal of Gerontology B Psychological Sciences Social Sciences*, 60, 109–113.
- Van Steenberg, E. F., Kluwer, E. S., & Karney, B. R. (2011). Workload and the trajectory of marital satisfaction in newlyweds: Job satisfaction, gender, and parental status as moderators. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 345–355
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13(2), 11-24.

Endereço para correspondência:

Juliana Szpoganicz Rosado
Email:julianasrosado@gmail.com

Recebido em 18/04/2016

Aceito em 19/10/2016